

*The Gift of  
The Associates of  
The John Carter Brown Library*



05-92

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

ELEGIA  
NA INFESTA, E INTEMPESTIVA MORTE  
DO  
SERENISSIMO SENHOR  
**D. JOSEPH**  
**PRINCIPE DO BRAZIL,**

OFFERECIDA  
A SAUDOZA PATRIA;  
POR  
JOAO XAVIER DE MATOS.



LISBOA  
Na Officina de FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO,  
ANNO M.DCC.LXXXVIII.  
Com Licença da Real Maça da Comissão Geral, sobre  
o Exame, e Censura dos Livros.

(PJC)

# E L E G I A.



EPOEM, ó Muza minha, o instrumento,

Que nas margens do Tejo brandamente,

Os rochedos trazia em seguimento.

Arranca os leuros, orna a triste frente

De roxos lirios, d'immortal cipreste ;

Seja tudo signal de pranto ardente.

Chegue o nosso clamor thê á celeste

Esfera venturoza, onde descansa,

Aquelle Heroe, a quem louvores deste.

JOZE', Caro JOZE'.... em vaõ se cança

O nosso terno amor.... ah ! quem te esconde,

Se te faz immortal nosta lembrança ?

( 4 )

Aonde, em que lugr, dize-nos, onde  
Poderemos, ó Principe, encontrar-te,  
Se Ecco longe, por ti, triste responde?

Se com saudozos ais vamos chamar-te,  
JOZE', responde a voz, tambem saudoza;  
He o teu nome ouvido em toda a parte!

Mas ah! que nesta Campa tenebroza  
Descança o Regio Heroe, aqui se encerra;  
Seu frio Corpo; oh scena lastimoza!

Neste lugar, que os coraçoens a terra  
Jaz quem foi nossa gloria; oh ! tri te cizo,  
Que do Sepulchro os muitos desenterra.

Quam breve fui da sui vili o prazo;  
Duraraõ tanto seus felices dias,  
Quanto o Sol a Oriente athé Occazo.

Que

( 5 )

Que mal fizemos nós, que acções impias  
 Contra ti commettemos, ( Céo sagrado,)  
 Para victimas sermos d'agonias ?

Morreo JOZE ! JOZE PRINCIPE Amado  
 Da Luza gente, e das Nações estranhas,  
 Defensor das Sciencias , Pai do Estado !

Aquelle ... Oh ! dor que n'alma assim te entranhas,  
 Deixa , que faião de meus olhos fontes ,  
 Qual o gelo , que corre das montanhas.

Aquelle , que alegrava os Orizontes  
 Dos nossos campos , por quem chorá o Tejo ,  
 Por quem se tornaõ tristes estes montes.

O virtuozo Heroe , cujo desejo  
 Já mais cansou no amparo do indigente ,  
 Tu naõ me enganas , fantazia .... eu vejo !

( 6 )

Ah! implacavel Morte, cegamente  
A sanguinoza fouce descarregas,  
No mão , no justo , em todos igualmente !

Tuas aras com sangue humano regas ,  
Tú nos troubas JOZE , nós o sentimos  
Naquella vida o golpe duro empregas.

Em vão de ti lembranças omittimos ,  
Nunca de horrores farta , desabrida ;  
Veloz nos segues, quanto mais fugimos.

Porém , se a nosso rogo endurecida ,  
Cortas em flor as nossas esperanças ,  
Tantas mortes fazendo n'uma vida !

Os extremos do nosso amor não cansas ,  
Seu Grande , seu bom Nome memoravel ;  
Mais que em marmor fará nossas lembranças.

Pois

Pois se as bellezas da virtude amavel  
 O humano coraçao deixa encantado ;  
 Quanto merece hum PRINCIPE adoravel ?

Qual impio coraçao d' aço forjado ,  
 Que Marpezio rochedo inda mais duro ,  
 Não fica em branda cera transformado ?

Oh dia de terror ! oh dia escuro !  
 Sempre de nós chorado , em ti perdemos  
 O modelio dos Príncipes mais puro .

Já mais , amados Luzos , gozaremos  
 Aquella Alma Benigna , Affavel , Pia ;  
 Que para nosso bem prompta tivemos !

Com paternal amor , attento ouvia  
 Os clamores da misera pobreza ,  
 A quem sempre constante soccorria.

( 8 )

No tormentozo golfo da grandezi  
Sabia conhecer Justo, e Prudente,  
Que todos saõ iguais por naturezi.

Vós Luzitana, inconsolavel gente,  
Contai, contai por mim os beneficios,  
Falle o pupillo, o mizero indigente.

Quantas vezes de infastos precipicios,  
Elle vos libertou, calcando forte  
As Hidras infernaes d'infames vicios.

Se nos horridos Campos de Mayorte,  
Para desmantellar soberbos muros,  
Ligeiro naõ voou á dura morte;

Se os seus dias serenos, dias puros  
Naõ permitiraõ, que brandindo a espada,  
Assombro fosse dos Mortaes futuros:

Se-

( 9 )

Seguiu mais nobre, mais feliz estrada;  
 Foi a delicia de seu Povo amante,  
 Prenda do Céo, em nosso bem mandada.

Sabia conhecer, que hum bom Reinante  
 Do seu Povo era Pai, quando era justo,  
 Arte que elle estudou sempre constante.

Aquella Arte feliz, de tanto custo;  
 Que fará immortal entre os vindouros;  
 MARIA, herdeira de JOZE' Augusto;

Aquella Arte feliz, cujos thezouros  
 Possuia, o nosso PRINCIPE ditozo,  
 Que era de nosso bem altos agouros.

Inda a pezar do estudo rigorozo,  
 Temia governar quando pençava,  
 Quanto he dum Reino o mando ardo, e custozo.

Desta

Desta sorte mil vezes exclamava:

„ Se tanto encargo tem hum Magistrado ;  
 „ Que vidas tira , que fazendas dava.

„ Que obrigações não tem , quem destinado  
 „ Foi por supremo celestial decreto ,  
 „ Para ser Imperante , e Pai do Estado.

„ Idéas lizongeiras , vaõ projecto ;  
 „ Ambição de reinar , não me alucina :  
 „ Quanto deve hum bom Rei ser Justo , e Resto !

„ O Céo , o justo Céo , que me destina  
 „ Para reger meu Povo a vida exalte ,  
 „ De Minha Amada Mãi , Prudente , e Digna .

„ A sua Companhia me não falte ;  
 „ Ella pôde ensinar-me . . . . assim dizia  
 Quem era em tudo da virtude esmalte.

Deste

( 11 )

Deste modo incansavel apprendia  
 Aquella alma gentil, sempre propensa  
 Ao summo bem da Luza McNarquia.

Mas a funesta Lei, que naõ despença,  
 Dos olhos nos levou, qual brando vento,  
 Aquelle, que em fazer ditozos pença.

Quem do tremendo dia vive izento,  
 Se a humilde chossa, se o palacio nobre,  
 Teme da Parca o rosto macilento !

Só a bella Virtude, que hoje cobre,  
 De gloria as cinzas do Varád, que canto,  
 Póde fazer feliz o rico, e o pobre.

A Purpura Sagrada, o Regio Manto,  
 Na fatal hora, como o burel rude,  
 Servem de imagens de funesto esparto !

Muite

( 12 )

Muito embora o guerreiro idéa estude  
De fazer-se immortal, que tudo he nada;  
Tudo he no Mundo vaõ sem a Virtude.

Ah! Magestozo Heroe, tu que exaltaõ  
Vez tua gloria pelo Deos terrivel,  
Na Campina de estrellas matizada.

Dize( se por ventura te he possivel,  
Nossos rogos ouvir pitos ardentes,  
Lá onde tudo he gloria inextinguivel.)

De que servirão tantos ascendentes ;  
Ante o Deos das Vinganças, que empunharaõ  
No Trono , os Sætros d'ouro resplandentes.

A grandeza , que em dote te deixaraõ,  
Poder, Coroa , mando , ás maõs da morte ;  
No momento fatal , se espedaçaraõ.

Só

( 13 )

Só a santa virtude, escudo forte  
 Contra o tempo, te fez em premio digno ;  
 Heroe sublime da celeste Corte.

Mas nós, que no deserto peregrino ;  
 Sem ti ficamos, lugrubes gemidos  
 Aos Ceos espalharemos de contíno.

Os nossos rogos ternamente erguidos ;  
 Apprezenha por nós ao Deos clemente ;  
 A fin de que melhor sejaõ ouvidos.

De joelhos curvada a Luza gente,  
 Alçando as maõs, os olhos razos d'agua ;  
 Falla movida pela dôr pungente.

„ Supremo Deos, que vês a nossa fragea ;  
 „ Conservai-nos a vida preziosa  
 „ Da Rainha, a quem cerca dôr, e magoa !

Dai

( 14 )

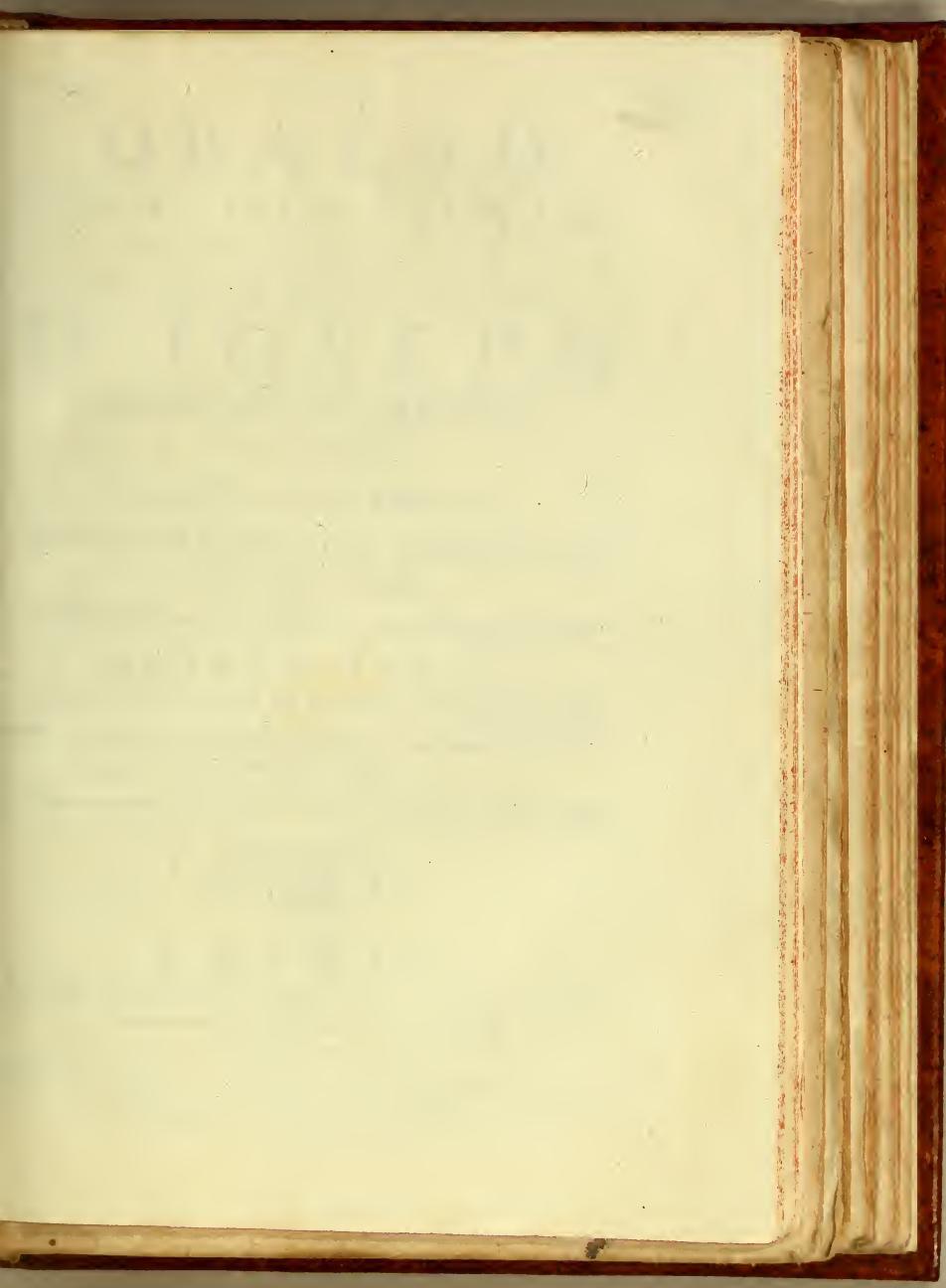
,, Dai conforto á Princeza lacrimosa ;  
,, Aquella mulher forte, em cujo peito ,  
,, Habita huma Alma Justa, e Virtuoza.

,, De Joao caro ( imitador perfeito  
,, Da Mai Augusta ) dai-nos successores ;  
,, Por quem Portugal viva satisfeito.

,, E tu caro JOZE' , que nos verdores ,  
,, Voaste ao Templo da immortal Memoria ;  
,, Em paz descansa , junto aos teus Maiores.

,, De Pais a filhos vivirá a historia ,  
,, De quantos bens fizeste á humanidade  
,, Serà teu nome igual à tua Gloria :  
,, E qual foi teu amor nossa Saudade.

F I M.



05-93

ORAÇÃO  
CONSOLATORIA;  
QUE NA SENSIVEL MORTE  
DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOSEPH  
PRÍNCIPE DO BRASIL

OFFERECÉ

AO EX.<sup>MO</sup>, E R.<sup>MO</sup> SENHOR

D. Fr. MANOEL DO CENACULO  
VILLAS BOAS;

Bispo de Béja, do Conselho de Sua Mageſtade, &c.

JOSÉPH M AZZA,

Musico Instrumentista da Camara de Sua Mageſtade.

---

*Tu melioribus annis  
Deseris? ab! fletus dicere plura vetat.*

---



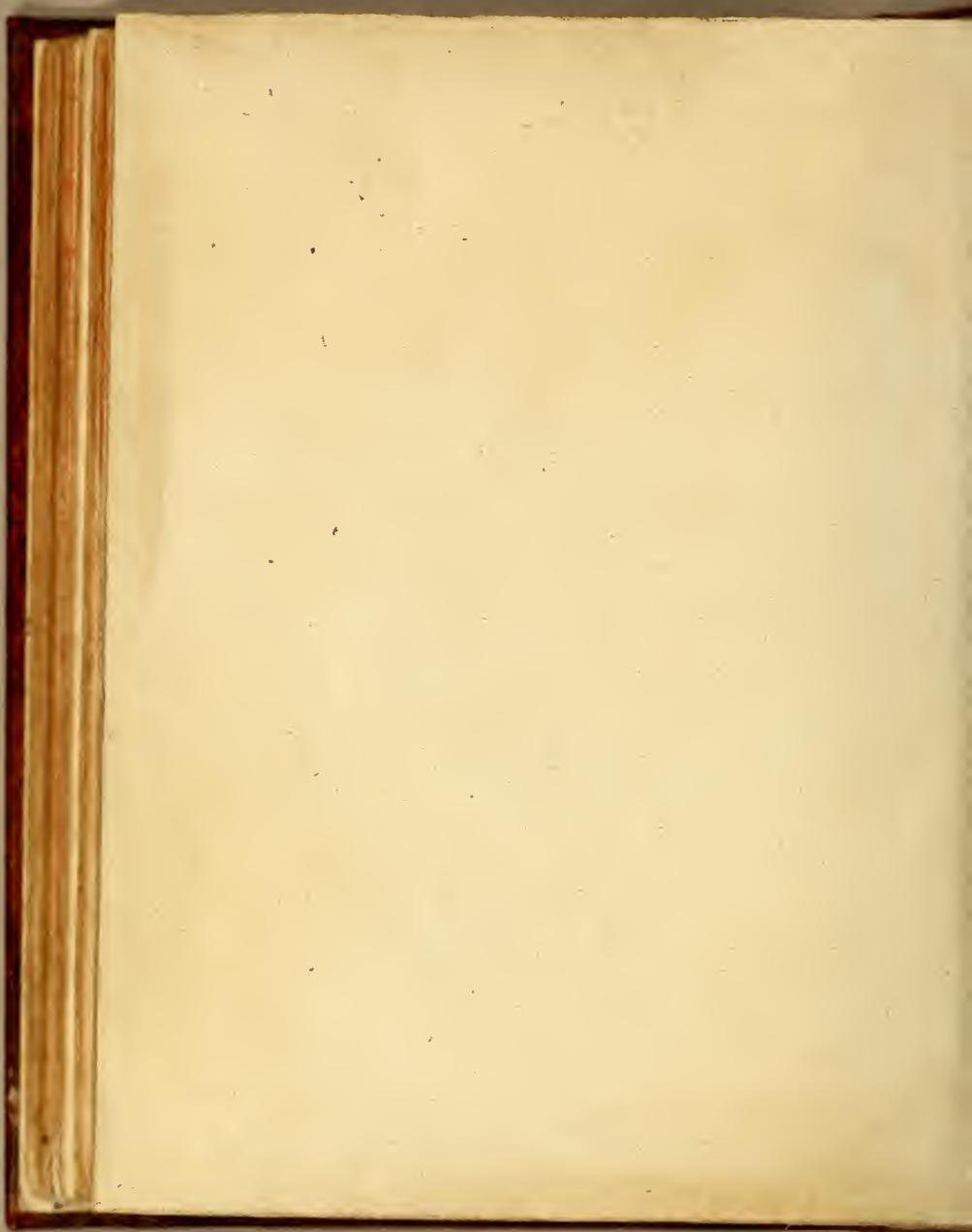
L I S B O A

Na Offic. Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

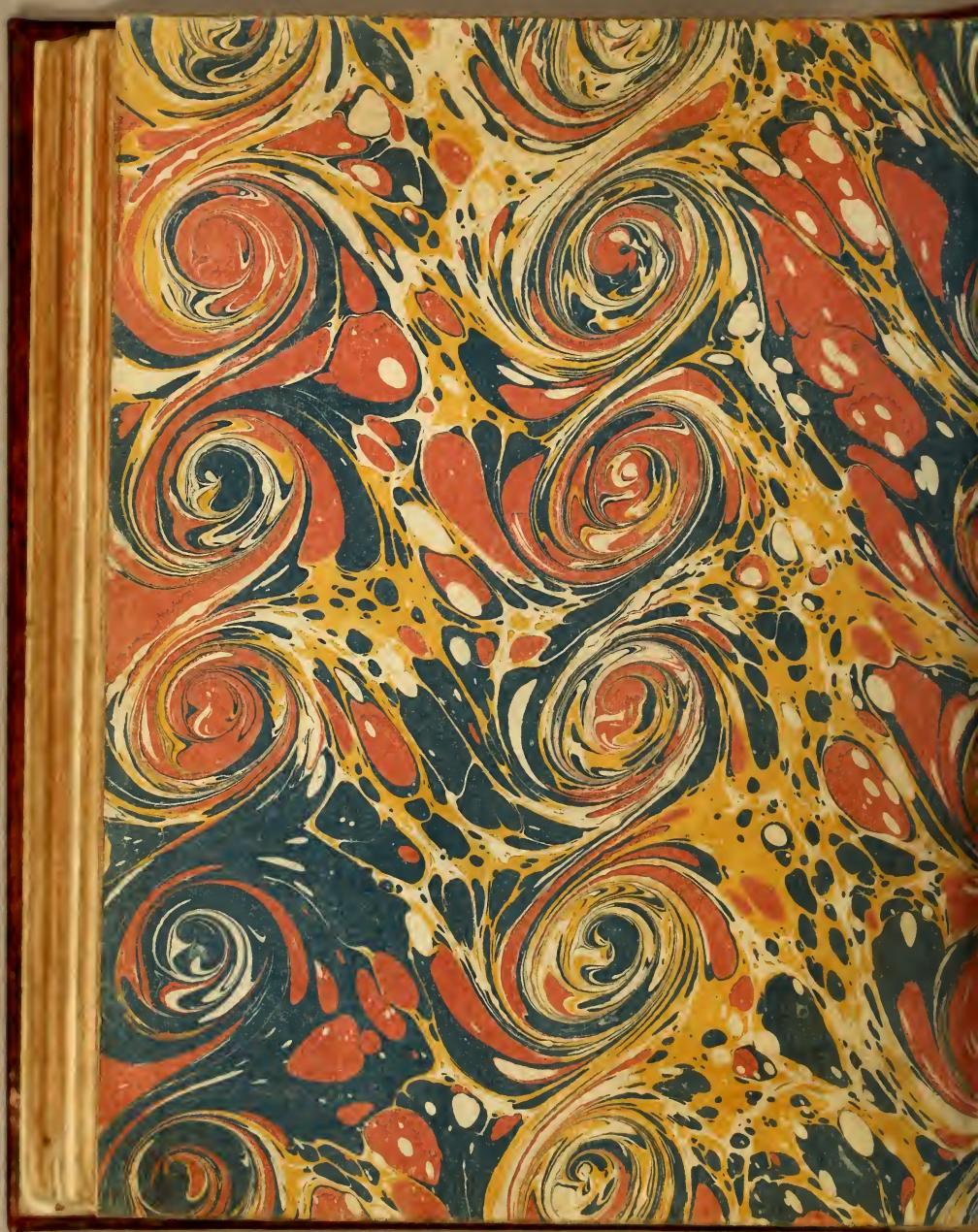
---

M. DCC. LXXXVIII.

Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre  
o Exame, e Censura dos Livros.



C788  
S255d





D

II

III

IV

V